

PESCADOR DE PIRARUCU

O pescador de pirarucu é um tipo característico de trabalhador encontrado com frequência, nas zonas piscosas propriamente amazônicas da grande Região Norte do Brasil. É bem uma dessas distintas e singulares personagens que, na frase de M. P. SILVA, "a várzea educou para a vida, debaixo da cartilha e das conveniências do rio".

Na maioria dos casos é um índio semi-civilizado, um tapuio, ou mameluco, mestiço do índio com o branco.

No comêço da vazante (meados de agosto), ou no início das enchentes (meados de novembro), esse tipo de pescador concentra toda a sua atividade na grande pesca fluvial e lacustre, a qual se realiza, na Amazônia, mediante processos puramente regionais.

No "tempo da salga" ou verão, sobretudo durante os meses de setembro e outubro, para fins comerciais e industriais, esse tipo de pescador tem por objetivo principal a pesca do enorme peixe vulgarmente conhecido pelo nome de pirarucu. Este nome indígena significa peixe-urucu (pira: peixe) sendo urucu (Bixa orellana) o nome de um fruto silvestre, que fornece uma tinta avermelhada com a qual costumam os silvícolas tingir o corpo. Pelo volume, o pirarucu corresponde ao jaú, na bacia do Paraná-Paraguai, e ao surubim, na do São Francisco. Cientificamente, o pirarucu é um representante da família Osteoglossidae — o Arapaima gigans, CUVIER. Na sistemática tal representante é conhecido pelas expressões sinônimas — Sudis gigas e Vastres gigas.

O peixe tem uma cabeça grande que termina em focinho. Seu corpo é cilíndrico, o ventre claro e o dorso mais escuro.

A carne do pirarucu, quer a de cor vermelha, amarela ou a escura, exerce na região o mesmo papel que a do bacalhau entre as populações pobres do norte da Europa e da América Setentrional. Constitui, assim, a alimentação básica da população amazônica que é, sobretudo, iquitiófaga em vista do meio aquático em que vive e devido, também, às enormes possibilidades que esse meio oferece sob o ponto de vista dos seus recursos em pesca. Além disso, embora divergindo do bacalhau quanto a vários aspectos de importância tais como sabor, digestibilidade, etc., o pirarucu fica em plano igual ao mesmo quanto aos valores nutritivos. As análises, aliás, já realizadas pelo Laboratório Bromatológico do Departamento Nacional de Saúde Pública, confirmam os valores nutritivos do pirarucu bem como a excelência da carne, sabor e salubridade. Em vista de tais resultados, verifica-se o acerto dos habitantes da Amazônia ao fazerem da carne do pirarucu, seca ou salgada, a sua alimentação básica.

Medindo de dois a dois metros e meio de comprimento e pesando de cinquenta a oitenta quilogramas, o pirarucu depois de preparado e salgado, pode dar de vinte a quarenta quilogramas de carne vendável. Representa, portanto, produto de comercial valia principalmente numa região pobre em gado e que possui uma população pouco afeita à criação e à cultura sedentária.

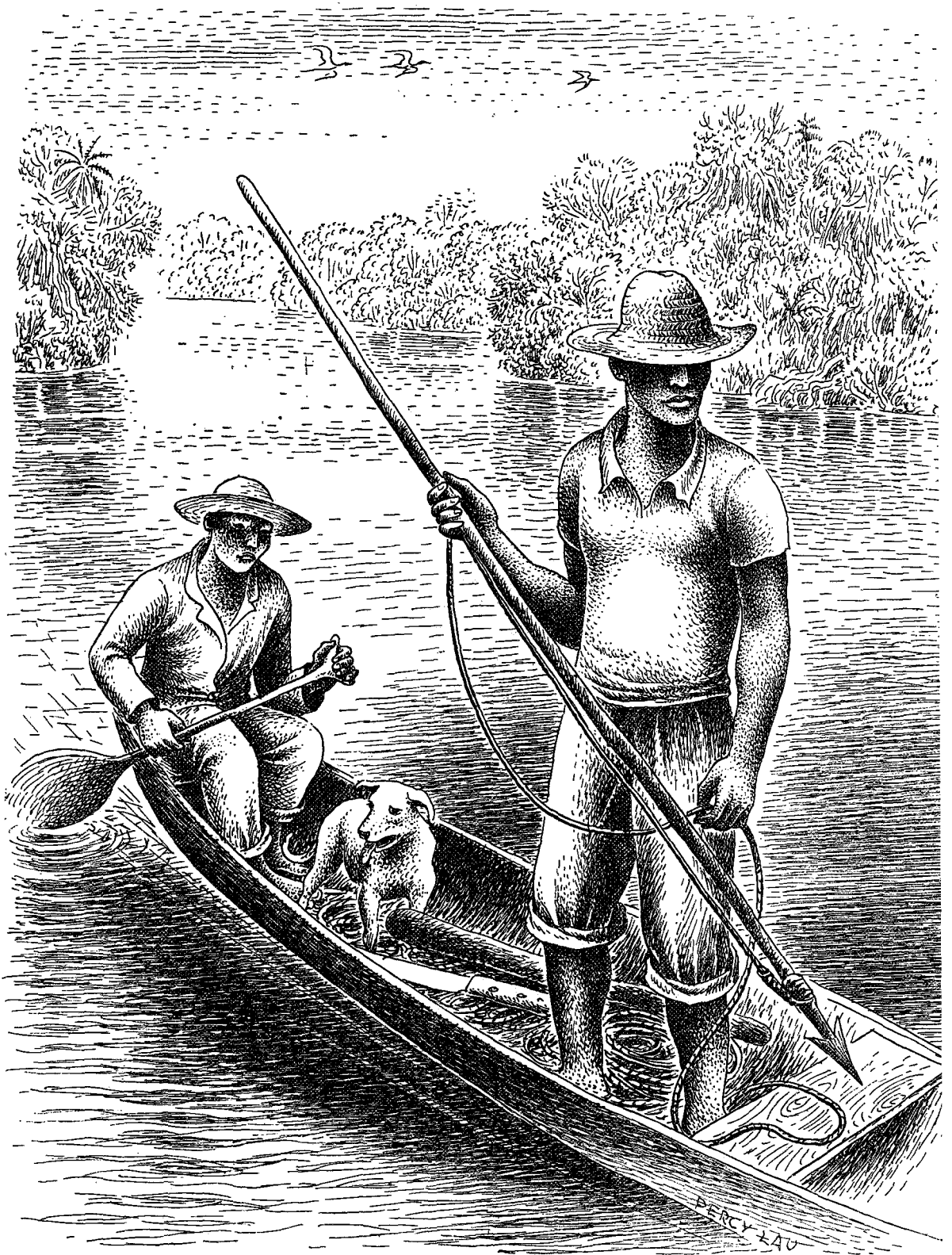
Muito poucas vezes, como já foi dito, é o pescador de pirarucu um tipo de cor preta, ou um mestiço, cauz, curiboca ou mulato. E a explicação pode ser feita em breves linhas.

Devido a restritivas providências legais, nos tempos da colonização, caboclo, tapuio e mameluco resultaram quase que tão somente do cruzamento do branco com o indígena. Além disso, o elemento africano sempre foi diminuto na Amazônia. Ao cabo, porém, do período colonial, tendo escasseado o casamento de portugueses com mulheres indígenas — até então incentivado pelos poderes oficiais — o referido caldeamento praticamente desapareceu. Dêsse modo, o sangue indígena teve oportunidade de se purificar por isso que permaneceu isento da contribuição perturbadora vinda de outros elementos raciais. Com a aproximação do tapuio ao índio, novos lares então se formaram, dispersando-se pelo vale. Hoje, decorridos mais de trezentos anos de constante diluição, o resultado final dêsse processo histórico foi a insignificante porcentagem com que o sangue europeu concorre para atualmente diferenciar a composição étnica da população amazônica.

O predomínio da mentalidade aborígene, a desambição, a tenacidade e o apêgo à vida livre — características da população amazônica — concorrem, então, para fazer do pescador de pirarucu, um homem ingênuo, desprendido, tenaz e simples.

Tal simplicidade se reflete em todas as facetas e todos os setores de sua atuação. Sua casa, por exemplo, erguida geralmente nos pontos mais elevados das terras baixas e úmidas senão alagadiças, consiste numa meia dúzia de paus toscos fincados como esteios, enquanto vigas e caibros compõem a armação. É, pois, uma simples e pobre "barraca" sendo por cobertura, palha de buçu, curusá, ubim, inajá, uauaçú ou miriti.

Misto de habitação e armazém, geralmente não dispõe de divisões internas. A "barraca" do pescador é, então, e na verdade, um tipo de casa elementar que reflete, sobretudo, as influências naturais e econômicas da região. Além de aproveitar todo o material fornecido pela floresta, serve, por um lado, de abrigo, cozinha, refeitório, dormitório e loja, e por outro, de depósito para o peixe. Este, depois de pescado, é salgado e pôsto a secar, fora, numa espécie de terreiro contíguo à casa. A carne é arrumada em postas que pendem de um certo número de varas assentes sobre forquilhas de outros ramos de árvores. Daí é então transportada depois de seca para o interior da "barraca".



A simplicidade do pescador de pirarucu se traduz ainda de outro modo. Para o desempenho da perigosa faina da pesca, não possui trajes especiais. Ainda hoje, esses referidos trajes em nada diferem daqueles já bem descritos, em 1895, por JOSÉ VERÍSSIMO, em sua monografia regional versando acerca da pesca na Amazônia: "...quem representasse o pescador vestido de calça e camisa solta, curta, mal lhe cobrindo o cós da calça e a cintura, tingidas ambas no vermelho terroso da tinta de moruxi (*Byrsonima*) e o grande chapéu desabado de grelos de tucumazeiro (*Astrocarium tucumã*) enterrado na cabeça, teria o tipo mais geral dele, em todo o seu pitoresco indígena."

Para a execução de seu mister, quer se trate da pesca a linha, da pesca com arpão, ou com a fiça, etc., gapuiando o pirarucu, utiliza o pescador uma simples canoa de pesca, que lhe serve de indispensável veículo.

Ordinariamente, nada mais é do que uma pequena embarcação rudimentar medindo de dois a três metros de comprimento por quarenta a cinquenta centímetros de largura. Apenas possui de vinte a trinta e três ou a quarenta centímetros de altura, medidos perpendicularmente do fundo à linha das bordas. Trata-se, pois, de uma frágil montaria, muito rasa, aliás.

Considerando-se o objetivo visado, tal canoa de pesca apresenta algumas vantagens sobre os demais tipos de embarcações comuns, na Amazônia. Além de deslizar célere, sem ruídos, é de fácil manejo e de rápida evolução. Em vista de seu diminuto tamanho, pode, por outro lado, penetrar sem qualquer dificuldade, nos igarapés mais estreitos ou nos riachos e lagoas marginais.

Dentro de uma tal montaria leve, pela manhã, sai o pescador à pesca, "nem tão cedo que não haja luz bastante à transparência d'água, nem tão tarde, que as tenhas agitado a viração, mas quando, não havendo ainda "caído o vento", conservam-se as águas serenas e lisas como um espelho à sua superfície." (JOSÉ VERÍSSIMO. op. cit.).

Consigo leva todo o equipamento indispensável à operação da pesca: duas linhas, dois bicos, duas bolas, cacete para matar o peixe, pequena faca, uru, cestinho de talas com tampa móvel, alguns objetos de uso pessoal. No banco extremo da pôpa, segue o auxiliar do pescador, sentado. Geralmente, um filho seu. Este, remando com um leme chato, de forma elíptica, imprime movimento e direção à pequena embarcação. No banco alto, denominado "banco do pescador", à proa, segue o pescador, às vészes de pé, tendo uma grande haste segura na mão direita. Um pé, firme no banco, o outro no fundo da embarcação. O olhar é penetrante e os ouvidos apurados. E lá se vai a frágil embarcação ao longo dos igarapés, zigzagueando pelos lagos ou beirando as margens do grande rio. De vez em quando pára junto aos "tesos" sobre os quais as "barracas" amareladas imprimem à paisagem um colorido especial.

Baixas e rústicas, estas "barracas" se localizam sobrepostas às ribanceiras junto — como escreveu VERÍSSIMO — "a algum grupo d'árvores ou "rebolada" de palmeiras, ilhas espalhadas no mar verde dos murizais ou dos dilatados campos, se em região de campos ficam os lagos, onde as manadas de gado põem os tons variegados dos seus pêlos, dando à larga paisagem um recanto bucólico".

Em busca do peixe, no "tempo da salga", justamente no período mais agradável do clima amazônico, inúmeros pescadores da vizinhança bem assim negociantes e especuladores longínquos, acorrem aos centros de pesca, uns para pescar, outros para comprar o pescado e uns quantos para fazer comércio ilícito como de fato o fazem certos "regatões". De qualquer maneira, o aspecto dessas regiões é, então, animado e pitoresco.

Com seu estilo agradável, JOSÉ VERÍSSIMO focalizou expressivo flagrante da vida, por exemplo, ao pé das habitações dos pescadores: "Junto às barracas, rodeadas de varais de onde pendem, secando ao sol, as postas elípticas largas, avermelhadas do pirarucu, pondo em roda o seu pitiú desagradável, pululam os curumins nus, prole numerosa desta gente prolífica, alimentada de fóstoro. Correm travessos, atirando pedras aos esfaimados urubus que ameaçam o peixe a secar, ou aos jacarés que passam, n'água embaixo, ao alcance da pedrada ou vêm sorrateiramente se achegando da margem a pilhar algum resto ali lançado. A vida animal n'água, menos aparente, passando-se sob as águas em geral escuras e opacas daqueles águaçais é, entretanto, mais intensa. A cada momento ouve-se o ruído especial, ao ouvido do pescador familiar, do boiar do pirarucu, levantando sobre o dorso espesso cúmulo d'água e deixando após si um largo rebojo, ou assiste-se o pulo alto da desprezível piraiíba, o enorme corpo todo fora d'água, envólto num lençol líquido, franjado de espuma, sumindo-se nela com estrondo, fazendo largos círculos crideados, que vêm fenecer na margem; avistam-se passar as teorias dos botos supersticiosamente temidos, pondo rapidamente fora d'água os compridos focinhos cilíndricos e os dorsos bruno-vermelhos, abaulados, lisos."

Em derredor, entretanto, a vida animal, em terra, prossegue indiferente à presença humana. Mas no igarapé próximo, do banco alto de uma certa montaria, um pescador prepara-se agora, para tirar o peixe, tendo na mão direita, uma grande haste apontada na direção da água... E a vida do pescador continua, assim, estreitamente associada ao regime das águas amazônicas a que, por sua vez, se subordina o sucesso das pescarias.

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA